

Coreografias para ler Paulo Freire

Choreographies to read Paulo Freire

Coreografias para leer Paulo Freire

LUCIANA MOURÃO ARSLAN¹

RESUMO: Neste artigo, discutimos como a corporeidade se faz presente na obra do educador brasileiro Paulo Freire. Comentamos sobre a importância da corporeidade nos processos de ensino-aprendizagem. Por fim, narramos uma proposta de leitura compositiva e performativa de trechos de livros de Paulo Freire, a qual envolveu a discussão das relações corpo-espaço no ensino-aprendizagem, leituras performativas e a instalação de textos na paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura performativa; corporeidade; Paulo Freire.

ABSTRACT: In this article, we discuss how corporeality is present in the work of Brazilian educator Paulo Freire. We comment on the importance of corporeality in the teaching-learning processes. To finish, we narrate a proposal for compositional and performative reading of excerpts of books by Paulo Freire, which involves discussing the relationships between body and space in teaching and learning, performative readings and the installation of texts in the landscape.

KEYWORDS: Performative reading; corporeality; Paulo Freire.

RESUMEN: En este artículo, discutimos cómo la corporalidad está presente en la obra del educador brasileño Paulo Freire. Comentamos la importancia de la corporalidad en

1. Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU).

los procesos de enseñanza-aprendizaje. Para finalizar, narramos una propuesta de lectura compositiva y performativa de fragmentos de libros de Paulo Freire, que implica discutir las relaciones entre cuerpo y espacio en la enseñanza y el aprendizaje, las lecturas performativas y la instalación de textos en el paisaje.

PALABRAS CLAVE: Lectura performativa; corporalidad; Paulo Freire.

APRESENTAÇÃO

Neste texto, desenvolvemos uma proposta para navegar pelas corporeidades presentes em algumas obras de Paulo Freire². Abordamos sobre como a obra de Freire assume e discute vários aspectos das corporeidades presentes nas relações de ensino-aprendizagem; discutimos alguns aspectos da corporeidade no ensino e, por fim, relatamos um laboratório que propôs leituras de trechos de Paulo Freire que tratavam da conexão corpo-espaço, por uma abordagem corporal aberta a improvisações e interpretações.

A proposta de *coreografar uma leitura de Freire*, inspira-se numa ampla concepção de coreografia e nas ações artísticas, denominadas *lecture-performances* ou aulas-performances³. As aulas-performances normalmente são realizadas por artistas que consideram a ação de ensinar como suporte de criação, pesquisa e transformação do mundo⁴: tais artistas elaboram trabalhos para serem realizados em aulas e/ou oficinas e/ou palestras.

Também a noção contemporânea de coreografia, aqui empregada, vai além de uma ideia tradicional de coreografia, entendida como uma sequência de movimentos rítmicos para uma certa composição. Lidamos aqui com uma noção contemporânea de dança e coreografia que considera as mobilidades das vidas, a dança dos corpos nas cidades, nos ambientes. A artista Eleonora Fabião, por exemplo, em suas criações corporais tem usado as ruas como suporte para propor movimentações que são intencionalmente políticas. Suas obras/ações redesenham movimentos

2. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996; FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019a; FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.
3. MILDER, Patricia. Teaching as art: The contemporary lecture-performance. **PAJ: A Journal of Performance and Art**, v. 33, n. 1, p. 13-27, 2011. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41309686>. Acesso em: 18 set. 2024.
4. ARSLAN, Luciana Mourão. **Corpo (sentido)**: corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.

corporais em ações de *coreopolítica*⁵. Na 34ª Bienal de São Paulo, a artista apresentou o trabalho *nós aqui, entre o céu e a terra*, o qual reuniu cadeiras provenientes de 26 instituições públicas dos setores de saúde, educação, cultura e legislação, (localizadas em um raio de 5 km de distância da Bienal). Cada uma das cadeiras, após várias negociações, foi deslocada, em uma procissão, até a Bienal; e lá ficaram expostas em um formato de reunião, juntamente com a vasta quantidade de cartas, memorandos, pareceres e toda a papelada burocrática necessária ao deslocamento de cadeiras institucionais. Ao final da Bienal, as cadeiras foram devolvidas às instituições, mas trocadas. Assim, todo o esforço burocrático de conseguir deslocar essas cadeiras patrimoniadas pelos setores públicos foi um grande movimento coreográfico, uma alegoria sobre a importância de reunir e movimentar setores públicos.

Também, inspiram-nos as ações artísticas que incorporam modos de ler-pensar mais ativos, que evidenciam o desejo de levar *a palavra para o mundo*. O Coletivo Dodecafônico de São Paulo⁶ e o Substantivo Coletivo em Uberlândia, Minas Gerais, têm experimentado ações assim. Também, fora do país é possível ver ações no mesmo gênero, como as ações do artista Tim Brennan⁷, que cria *manobras* de deslocamento para leituras de textos em percursos específicos, à luz dos procedimentos situacionistas⁸.

A CORPOREIDADE NA OBRA DE PAULO FREIRE

O educador Paulo Freire no seu discurso-prática-inteligente, valoriza e cita por diversas vezes como seus deslocamentos/viagens – ainda que realizados devido ao exílio forçado pela ditadura do Brasil – foram fundamentais para sua formação (FREIRE, 2019b, p. 60). Fazendo um uso consciente e atento de sua mobilidade, ele teceu contatos e construiu conhecimentos no/com o mundo afora.

A noção de que não somos corpos sozinhos, ou seja, que toda a ambiência se funde com nosso corpo-consciência é presente nos textos de Freire, tanto que, em

5. Coreopolítica é um termo cunhado por André Lepecki. LEPECKI, A. Coreopolítica e Coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.
6. ARSLAN, LM; RAMOS, J. B. (Org.). **Improvisação em dança**: criação, composição e performatividade. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.
7. É possível conhecer alguns trabalhos de Tim Brennan no site do artista: <https://www.timbrennanartist.co.uk/>.
8. Os situacionistas foram um movimento artístico e político, ativo entre 1957 e 1972, que buscava subverter a sociedade de consumo através de práticas como a deriva. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

quase todos os seus textos, é possível saber qual paisagem ele habitava enquanto escrevia, não apenas como recurso poético literário, mas, certamente, porque ele sabia que corpo-ambiente-pensamento caminham juntos.

Os deslocamentos e pausas de Freire compõem uma coreografia com o/no mundo, a qual expressa-se nos seus pensamentos e textos. Do ponto de vista da corporeidade, tais obras de Paulo Freire demonstram uma abordagem amadurecida, que clama por um movimento consciente, o qual se apresenta indissociável à política – noção bem apresentada por Agamben e Rancière (*apud* LEPECKI, 2012, p. 4^o) que discutem as relações entre arte e política.

As propostas de ações didático-políticas de Freire poderiam ser também consideradas como *coreopolíticas*, (para utilizar o conceito cunhado por André Lepecki, 2012), porque suas propostas convidam os corpos a ações e deslocamentos políticos: é no vazio criado pelas falhas de uma tradição de ensino engessada que Freire atua. Sua atenção aos detalhes dos *mínimos gestos*¹⁰ é evidente: ele sabe que *variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação* (FREIRE, 1996, p. 44). Assim como na política, a sua didática-coreopolítica anseia transformar as relações de corpos num espaço-contexto. Freire propõe uma composição no chão duro e irregular da sala de aula, onde as fendas são importante fator de desestabilização.

As aprendizagens do corpo-a-corpo também são valorizadas em seus textos, e até mesmo, ele intitulou um de seus livros como “À sombra desta mangueira”; local onde, ele comenta, aconteceram muitas de suas conversas e reflexões que se desdobraram em sua escrita corporificada.

Apesar de sempre ressaltar a importância do domínio da palavra, as aprendizagens que se fazem nos contatos dos corpos/pessoas são sempre valorizadas em seus discursos.

Outro aspecto que merece ser destacado, nas suas ideias/livros, é o da valorização do *aspecto performativo*¹¹ do trabalho docente: Freire sempre destaca que a aula se faz na atenção que se presentifica no momento. Um planejamento de aula aberto que

9. LEPECKI, A. Coreopolítica e Coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

10. O termo “mínimos gestos” é utilizado por Foucault em *Vigiar e Punir* para descrever o método de obtenção de uma caligrafia precisa, que envolve o corpo por inteiro, *da ponta dos pés à extremidade do indicador* (FOUCAULT, 1998, p. 178), refletindo a disciplina imposta ao corpo nos seus mínimos detalhes e gestos.

11. O conceito de performatividade aplicado à prática do professor, aqui pode ser compreendido como a sua prática, por meio de repetição de gestos, linguagem e interações, que constituem a identidade do professor e a dinâmica das relações sociais em sala de aula.

permita uma transformação dialógica com o contexto dos alunos é insistentemente sugerido. Nota-se constantemente, no discurso de Freire, que a ação do professor na sala de aula é um momento de grande intensidade e atenção, o qual permite uma construção particular e única, construída no coletivo. O trabalho do professor, com toda essa sua intensidade, de elaborar uma ação conjunta e única, a cada aula/contexto, é extenuante (mas também criativo e energizante) exatamente por isso. E se isso pode parecer já evidente no discurso da Educação, não o é na prática, tanto que, em algumas instituições, quando o professor ministra o mesmo componente para diferentes grupos, isso é quase considerado uma *repetição da aula*, o que soaria absurdo para Paulo Freire.

Em relação a isso, cabe considerar que vivemos uma epidemia da falta de atenção (e isso acomete discentes e docentes). O estado de atentividade, tão caro ao educador, segundo Freire, depende de um saber construído corporalmente: existem muitos exercícios, inclusive para sustentar a atenção ao coletivo, para compor com o grupo e em sintonia com os corpos-ambientes. Por isso, defendemos que as práticas de atenção plena, atentividade e consciência do foco de atenção poderiam ser consideradas em cursos de formação de professores.

Também, o educador Freire compreende o corpo integral e reconhece a impossibilidade de separar emoção-razão, (o que se alinha com os estudos contemporâneos das neurociências), ele comenta: *Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia [...] Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também.* (FREIRE, 2019a, p. 28).

E continuamente negando as dicotomias, suas reflexões sublinham a importância da congruência entre discurso e prática, sugerindo que um professor verdadeiramente efetivo é aquele cuja prática está alinhada com suas palavras (FREIRE, 1996). Isso se relaciona diretamente com a ideia de que *pensar certo é fazer certo* (FREIRE, 1996, p. 34), reforçando a necessidade de uma corporeidade autêntica e coerente com os discursos no ambiente escolar.

Freire destaca que as palavras sem a corporeidade (do exemplo) têm pouco impacto, e que um gesto de incentivo do professor pode inclusive superar o valor de uma nota alta (FREIRE, 1996, p. 43); corroborando com essa concepção de ensino-aprendizagem que não é apenas um processo cerebral, mas profundamente integrado ao corpo e às emoções. Destacamos que a teoria da cognição incorporada¹² (*embodied cognition*) sugere que os processos cognitivos estão intrinsecamente

12. DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ligados às experiências físicas e sensoriais do corpo. Essa abordagem afirma que o corpo não é apenas um veículo para a mente, mas um componente essencial na construção do conhecimento e na aprendizagem.

Pesquisas¹³ na área da cognição demonstram que a aprendizagem é facilitada quando o corpo está engajado nas atividades educacionais. Tais estudos indicam que a interação física com o ambiente e a realização de atividades práticas ajudam na construção e retenção do conhecimento.

As atividades que envolvem movimento, manipulação de objetos e expressão corporal são reconhecidas por fortalecer a memória e a compreensão dos conceitos. O corpo-mente funciona como um sistema integrado. Quando os alunos participam de atividades que envolvem o corpo, como simulações, dramatizações e experiências táteis, eles não apenas processam informações de forma mais eficaz, mas também incorporam esses conhecimentos de maneira mais profunda.

A relação de integração do corpo-ambiente (corpogularidade) e toda a *dramaturgia* do ambiente escolar também são cruciais em seus textos/ideias. Ele destaca a eloquência *do discurso pronunciado na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam* (FREIRE, 1996, p. 24), considerando a importância do ambiente físico na experiência educacional. Também a relação com os outros seres e o senso de coletividade, tão caros às ações de improvisação em dança, estão no cerne do discurso de Freire.

MAS, AFINAL, PORQUE FALAR SOBRE A CORPOREIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM?

A corporeidade, nas instituições de ensino, pode referir-se a muitos aspectos. E como tal generalidade não pressupõe nem consciência e nem obviedade, vamos delimitar alguns desses aspectos que envolveram a proposta de leitura coreográfica de Paulo Freire: os sentidos corporais, a relação corpo-espço, o gosto e a importância do movimento na aprendizagem.

Vivemos numa sociedade visual-centrada, onde a visão é hipervalorizada e outros sentidos são, por vezes, minimizados ou esquecidos: motivo pelo qual muitas pessoas apontam seus celulares para fotografar a paisagem, no lugar de sentir o

13. DAMASIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

toque da brisa, a temperatura ou o leve desequilíbrio do corpo num terreno irregular. Há uma certa situação de anestesia dos sentidos na sociedade contemporânea e até mesmo nossas memórias parecem, cada vez mais, construírem-se apenas a partir dos registros de imagens. Mas, lembremos que a memória de uma pessoa pode ser construída a partir de outros registros sensoriais (o gosto de uma fruta, a temperatura e atmosfera de um certo lugar, por exemplo).

Os outros sentidos, para além da visão, são fundamentais para o desenvolvimento do processo cognitivo e para toda a nossa vida segundo estudos da neurociência (ver os estudos do neurocientista Damásio já citados anteriormente).

A desconsideração acerca dos demais sentidos manifesta-se, por exemplo, inclusive na desatualização frente às pesquisas¹⁴ sobre os sentidos corporais. Ainda se fala arbitrariamente de apenas cinco sentidos (olfato, tato, visão, audição e paladar), quando muitas pesquisas já problematizam essa compreensão anacrônica dada como única. Algumas pesquisas contemporâneas, por exemplo, separam os sentidos em duas categorias: os sentidos que nos fornecem as informações advindas do mundo externo ao nosso corpo e os que se referem às informações mais internas do nosso corpo – como a propriocepção (relacionada a como percebemos nosso deslocamento no espaço ou mesmo a como percebemos a dor, a sede e a fome)¹⁵. Há ainda um conjunto intermediário de sentidos, os quais se relacionam com aspectos internos e externos do nosso organismo, como a senso de equilíbrio (*equilibrioception*), a temperatura (*thermoception*) ou até mesmo a noção de tempo (VANNINI, WASKUL, GOTTSCHALK, 2012, p. 14).

Outra ideia superada acerca dos sentidos é a de considerar os sentidos como sendo naturalmente/fisicamente dados e que, portanto, não seriam tão «educáveis»; tal ideia concilia-se com a noção de que seriam os nossos sentidos estáveis e pouco transformados na relação com nossas experiências culturais, sociais e cognitivas.

Se está correto considerar que os sentidos corporais dependem de condições físicas intrínsecas ao nosso organismo, na mesma proporção, eles estão também muito relacionados com a cultura e com a sociedade em que vivemos. A saber, pessoas que vivem em paisagens com neve notam mais nuances de branco, pessoas que

14. MACPHERSON, Fiona. **The Senses: Classical and Contemporary Philosophical Perspectives**. New York: Oxford, 2011. Esta obra reúne uma coletânea de artigos sobre os sentidos, nos quais diversos autores questionam a classificação tradicional dos cinco sentidos proposta por Aristóteles, argumentando que ela não contempla plenamente a complexidade da percepção humana e de outros animais. Um dos artigos, intitulado “*Aristotle on Demarcating the Five Senses*”, trata especificamente dessa questão.

15. VANNINI, P; WASKUL, D; GOTTSCHALK, S. **The senses in self, society, and culture: a sociology of the senses**. Taylor & Francis, Routledge, London, 2013.

treinam seus paladares podem distinguir até o sabor da água em um café. Essa ideia, de certa forma, questiona a concepção de que o *bom gosto* ou o *mal gosto* seriam uma característica pessoal: um talento *nato*.

Tal falsa naturalização dos sentidos tem inclusive efeitos políticos e perversos. Quanto a isso, cito as pesquisas¹⁶ desenvolvidas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2017) correlacionando os gostos das pessoas com suas vivências sociais (e ao estrato econômico que se encontravam), comentando não apenas que o gosto é construído socialmente como também que a determinação do que viria ser *bom gosto* depende da legitimação de certos grupos – num processo de legitimação simbólica, a qual depende de uma luta dentro do campo cultural. A dimensão do sensível é também interdependente de fatores sociais e econômicos, e ignorar isso pode alimentar a manutenção de violências culturais e sociais: ao não relativizar que gosto e sensibilidade refletem também classes e contextos sociais.

Contemporaneamente, os sentidos corporais são pesquisados a partir de um vasto campo em formação que envolve sociólogos e antropólogos, para além dos estudos biológicos, anatômicos, os quais envolvem apenas a fisicalidade dos sentidos.

Até mesmo a percepção do deslocamento no espaço, que se refere ao sentido da propriocepção, e que aparece em algumas abordagens como sendo o sexto sentido, é culturalmente/socialmente desenvolvido: por vezes, ao praticarmos artes marciais ou dança, notamos que paramos de esbarrar nos móveis (os famosos *trupicões*); também o sentido de ocupação no espaço pode variar de acordo com a cultura: em algumas sociedades, as pessoas não aproximam-se muito umas das outras e, por possuírem uma noção de espaço individual mais ampla, se incomodam com qualquer proximidade de desconhecidos; em outras, o toque e a proximidade são essenciais na vida social (Shusterman, 2012¹⁷).

Podemos também notar a corporeidade, numa instituição, observando quais são os convites aos *deslocamentos dos corpos-pessoas no tempo-espaço*: os tempos fragmentados das aulas numa escola, que fracionam um período em cinco aulas; a aprendizagem seccionada em semestres e tantos outros fracionamentos do tempo que convidam as pessoas a estarem sempre correndo e as impedem de viver uma temporalidade mais orgânica podem, inclusive, encurtar suas respirações.

16. BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

17. SHUSTERMAN, Richard. **Consciência Corporal**. Trad. Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: E Realizações, 2012.

Também, a corporeidade se faz presente nos tipos de corpos que são sutilmente valorizados nas instituições: o que nos faz pensar sobre os modos de fala (também comentado por Pierre Bourdieu e Passeron¹⁸), os comportamentos punidos ou mesmo sobre ausência e/ou representatividade de algumas corporeidades, a dos idosos, a dos negros e outros grupos, que clamam por cotas nas instituições.

A corporeidade nas instituições de ensino se presentifica na organização dos usos dos banheiros – relacionada a questões de gênero e sexualidade; na dieta – aliás muito comentada por Freire –, a qual, além de poder cultivar ou atrofiar os paladares, pode mudar completamente a forma com a qual pensamos: se temos ausência de vitaminas nos sentimos muito desanimados, se tomamos café podemos ficar ansiosos. Mas, mais ainda o nosso prato reflete escolhas políticas: uma dieta na qual a fartura dos ultraprocessados, da carne de boi, a alface americana, verduras com agrotóxicos, o trigo, a soja e a batata branca predominam, não apenas silencia as dietas dos povos originários do Brasil como fomenta uma certa paisagem do nosso país, cada vez mais lotado de pastos e monoculturas, de indústrias não engajadas com um plano de saúde local (como o guia alimentar brasileiro)¹⁹.

Tradicionalmente, nas escolas e nos cursos de formação de professores há sempre o ocultamento de toda essa corporeidade tácita, assim como evita-se abordar os corpos docentes adoecidos. Os planos de ensino exigidos antecipadamente desconsideram as vivências aula a aula, as corporeidades presentes e uma aprendizagem mais orgânica. Assim, sequer podemos nos defender quando Nêgo Bispo (SANTOS, 2023) chama a nossa tradição escolar de *cultura escriturária*²⁰, longe da vida prática, dos saberes e fazeres do corpo.

A ideia de que o corpo é lugar da distração do pensamento, do pecado e das tentações persiste e resiste apesar de tantas e inúmeras pesquisas científicas – do campo da neurociência e da psicologia – já afirmarem, há tanto tempo, que o pensamento

18. O conceito de capital simbólico, cunhado por Bourdieu, abrange também aspectos corporais, como o modo de fala, a entonação da voz e a gestualidade, que são incorporados ao longo da vida e acabam se manifestando quase como uma segunda natureza. Na obra *A Reprodução*, escrita em coautoria com Passeron, os autores demonstram que o sistema escolar francês — no contexto específico —, embora formalmente gratuito e democrático, tendia a valorizar determinados comportamentos e disposições mais associados à classe dominante. BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

19. Guia alimentar para a população brasileira / ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, departamento de atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: ministério da saúde, 2014.

20. SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

não ocorre no cérebro, mas no corpo todo. Nosso corpo inteiro pensa e aprende. Uma escola utópica seria aquela que valoriza o movimento consciente, na qual o recreio seria o momento de sentar-se, uma escola que valorizasse o sentir-mover-pensar.

Não se trata de defender o movimento incessante, mas o movimento consciente que, inclusive, permite pausas conscientes (e não a pausa convidada pela disciplina cega ou da inércia). Na sua obra “Sociedade do cansaço”, Han reflete sobre como a pausa consciente é muito útil e necessária hoje, numa sociedade onde as mentes/corpos encontram-se ocupados e/ou distraídos o tempo todo, de forma quase involuntária, resultando numa epidemia do stress e da falta de consciência da atenção (HAN, 2015²¹).

É preciso assumir a presença dos aspectos sensíveis que envolvem os corpos vivos, os quais são fundamentais para o dia a dia dos seres.

Reconhecer e considerar pedagogicamente os aspectos da corporeidade que estão tacitamente presentes nas instituições de ensino, é caminho para educar para o convívio com os outros seres vivos que dependem de uma sensorialidade educada, no mínimo da atenção.

É necessário desnaturalizar toda a taxonomia que visa a anestesia, a separação e a classificação para docilizar e controlar os corpos (FOUCAULT, 1987²²). Investir em práticas que se apoiem em perspectivas epistemológicas locais e performar novos discursos, assim como outros pensadores locais é fundamental – por isso, trazer Paulo Freire e Nêgo Bispo.

Na prática, é preciso propor ações pedagógicas, fomentar atividades que se contraponham à imobilidade e à anestesia corporal, assegurar um ambiente coletivo que seja flexível e atento às mudanças tão necessárias. Inspirando-nos por pensadores-movedores que fazem sentido em nosso contexto.

LABORATÓRIOS COREOGRÁFICOS DE LEITURA

A ideia de desenvolver esse laboratório coreográfico é experimentar formas de cada vez mais integrar o corpo senciante em propostas educativas. Tal proposta surgiu a partir dos estudos da Somaestética²³, a qual apresenta a perspectiva

21. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

22. FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

23. A Somaestética é um constructo teórico transdisciplinar criado pelo filósofo Richard Shusterman que relaciona a corporeidade em suas várias dimensões com as experiências estéticas. Corporeidade e experiência estética (numa concepção muito próxima a de Dewey) são interdependentes e se retroalimentam, ou seja, a

de pensar através do corpo, contrariando a tendência hegemônica (e cristã) de demonização do corpo e seus prazeres. Mas também, como dito anteriormente, a ideia foi muito inspirada *nas lecture-performances*, ou aulas-performances, nas quais o próprio encontro de ensino-aprendizagem é abordado artisticamente: rompendo-se o limite entre aula e experiência artística.

Também, a noção de coreografia que aqui utilizamos é bem mais ampla do que a noção de uma mera composição de passos de dança. Nos estudos da dança²⁴, aprendemos a compreender como sendo coreografia muitos deslocamentos ou pausas dos corpos do espaço-cidade-pensamento; na contemporaneidade, a noção de coreografia é uma concepção bastante ampla, a qual não caberia aqui definir, mas que supera a visão de que coreografia seria uma sequência de movimentos feitas para um palco.

O desejo de criar coreografias para ler Paulo Freire, parte do pressuposto – teorias da neurociência e da somaestética – de que corpos conscientes e sencientes pensam melhor. De que o movimento corporal/somático sensorial nos ajuda a pensar mais, porque é mais propositivo de experiências (experiência na concepção de Dewey²⁵).

Tais propostas coreográficas de leituras objetivam uma aprendizagem sobre o que se lê, sobre como se lê e sobre quem lê.

A COREOGRAFIA: PARA LER PAULO FREIRE À SOMBRA DO PARQUE

A seguir, segue um relato sobre uma prática realizada no dia 3 de setembro de 2024, no evento *II Mudanças Climáticas Arte, Museus e Educação*, promovido pelo grupo de pesquisa *Coletivo Amplia na Rede*, da Universidade Federal de Uberlândia. O convite foi feito ao Grupo Substantivo Coletivo, do qual faço parte, e eu²⁶ acabei assumindo a proposta de criação dessa ação.

corporeidade é fundamental nas experiências estéticas assim como tais experiências podem aprimorar nossa corporeidade. ARSLAN, L. M. Ensino de arte na perspectiva da Somaestética. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 563-575, set./dez. 2018.

24. LEPECKI, André. **Exaurir a dança**: performance e política do movimento. Tradução Pablo Assumpção Barros Costa. São Paulo: Annablume, 2017.

25. Dewey não achava adequado oferecer uma definição da sua concepção de experiência, mas ele oferece muitas imagens da mesma como experiências que envolvem empatia, são compartilhadas, tem intensidade e significado, trazem a sensação de integração, são ativas e por dependerem de uma eleição sensorial são por elas mesmo estéticas. DEWEY, J. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

26. O relato a seguir foi feito a partir de uma prática realizada a convite foi pela professora Daniela Franco Carvalho do curso de Biologia da UFU.

Cheguei ao Parque Municipal Santa Luzia concentrada. É sempre assim antes de uma proposta educativa coreográfica – sinto um frio na barriga quando desconheço quem vai chegar. Mas, ao me conscientizar disso, procurei me acalmar via respiração e beber água. Eu pensei muito na proposta, a qual compartilhei com mais duas professoras²⁷ para ouvir um *feedback* sobre o planejamento que eu havia feito e, então, estava empolgada para fazer junto a *coreografia para ler Paulo Freire*.

Assim que cheguei ao Parque – o qual já conhecia –, fui percorrer o espaço juntamente com a Rosana Artiaga – colega do grupo Substantivo Coletivo –, para escolhermos os melhores locais para pausas do grupo: considerando a incidência solar no momento e a sensação da temperatura, já que estávamos numa época de seca intensa, com muitas queimadas, uma situação ambiental quase insalubre.

Na primeira sombra escolhida, fizemos um círculo e pedimos que falassem seus nomes e áreas na qual trabalhavam. Como esperado, se fizeram presentes muitos estudantes e pesquisadores da área de Educação. Explicamos a proposta e dissemos que faríamos **quatro convites** de ações.

Pedimos para caminharmos juntos e silenciosamente até a beirada do córrego, onde a temperatura estava bem mais amena. Já à beira do córrego, fizemos o **primeiro convite**: todos teriam 20 minutos para coletar folhas e organizar – em silêncio – uma escala cromática de verdes folhas à beira do córrego.



27. As professoras da Universidade Federal de Uberlândia Paulina Maria Caon e Daniela Franco ouviram sobre a proposta dias antes e teceram comentários.



Imagem 1. Ação de coletar e organizar em silêncio uma escala cromática de verdes-folha.
 Fonte: registros do Projeto Amplia – conexões arte– ciência no museu e na escola

Findada a organização das folhas, passamos ao **segundo convite**: distribuímos pequenos trechos do livro de Paulo Freire em duplicidade e pedimos para todos lerem seus trechos em voz alta, de forma que pudessem, através dessa leitura e do deslocamento pelo espaço, encontrar sua dupla. Os textos selecionados, os quais, alguns, encontram-se abaixo, mencionavam a relação corpo-ambiente, assim como a interação entre corpos (que não somos corpos sozinhos):

Não sou um ser no suporte, mas um ser no mundo, com o mundo e com os outros. O impossível é transformar o mundo que, para ser, tem de estar sendo, num mundo inapelavelmente imóvel, em que nada pudesse ocorrer fora do já estabelecido. (Freire, 2019a, p. 31).

Pôr-se ereto, fazer coisas, instrumentos, caçar cooperativamente em grupo, falar, compreender, comunicar-se foram e vieram sendo que fazeres solidários, a um tempo causa e efeito da presença do humano e da invenção do mundo como superação do suporte. Por isso é que estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros. (Freire, 2019a, p. 32)

Atuar, refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos no e com o mundo. A vida vai virando *existência* e o *suporte mundo* quando

a consciência do mundo que implica a consciência de mim, emergindo, já se acha em relação dialética com o mundo, independentemente do que se diga dela na perspectiva subjetivista ou objetivista mecanicista. Por isso é que, para mim, a questão da tensão consciência mundo, que é, no fundo, o problema de suas relações e que levou Sartre a dizer: consciência e mundo se dão ao mesmo tempo. (Freire, 2019a, p. 33).

É preciso ficar claro que a consciência de ou a intencionalidade da consciência não se esgota ou se exaure na racionalidade do ser. A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não pode ser reduzida a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que intenciona. (Freire, 2019a, p. 132).

O exercício constante de meu corpo consciente despegando-se até a ou de minha consciência intencionando-se ao mundo guarda em si, ou em si contém, uma qualidade da vida que, na existência humana, se torna mais intensa e mais rica. Refiro-me à necessidade da experiência relacional no nível da existência e dos contatos, no nível da vida. (Freire, 2019a).

Há um elemento fundamental na relação ou no contato e que na relação assume naturalmente complexidade e importância maiores que no contato. Refiro-me a curiosidade, uma espécie de abertura à compreensão do que se acha na órbita da sensibilidade do ser estimulado ou desafiado. (Freire, 2019, p. 132).

Envelhecemos quando, reconhecendo a importância que temos em nosso meio, pensamos que ela se deve a nós mesmos, que ela se constituiu em nós e não nas relações entre nós, os outros e o mundo. O orgulho e a autossuficiência envelhecem; só na humildade me abro à convivência em que ajudo e sou ajudado. Não me faço só, nem faço as coisas só. Me faço com os outros e com os outros faço coisas. (Freire, 2019, p. 98).

Um coro de vozes, com a leitura dos textos lidos simultaneamente, rompeu o silêncio e ecoou no parque.

Enquanto liam, fluía um rio de palavras e os participantes foram pouco a pouco reconhecendo quem estava lendo o mesmo texto que o seu. Após encontrarem suas

duplas, fizemos um **terceiro convite**: propusemos para que fizéssemos uma *leitura compositiva*, na qual cada um podia ler um trecho do seu texto (a ser escolhido em tempo real) compondo com a roda de vozes. Antes de começarmos, fiz um *exemplo falso* mostrando como podíamos ler:

- brincando com a velocidade da leitura;
- variando o volume da leitura em voz alta;
- por vezes poderiam as vozes se sobrepor, assim também como o silêncio e as pausas seriam uma possibilidade.

Essa leitura compositiva permitiu que todos tivessem um certo contato com todos os textos, ao mesmo tempo em que criamos um outro texto oral e coletivo.

Após a leitura coletiva, foi feito um **quarto convite** para que as duplas pudessem voltar a explorar o espaço, de forma a escolherem um lugar do parque que *combinasse* mais com o texto. Assim que encontrassem o local, deveriam conversar sobre a leitura e criar um modo de ler, e oferecer o texto para o espaço. Também pedimos para instalarem o trecho de Freire no local, com ajuda de uma fita que foi distribuída.

Ao final, percorremos todos os pontos, desde a gradação de folhas verdes até os locais com os textos instalados. Cada dupla nos levou a cada local onde haviam sido instalados os textos de Freire.



Imagem 2. Ação de instalar os trechos do texto de Paulo Freire no Parque.
 Fonte: registros do Projeto Amplia: conexões arte– ciência no museu e na escola.

E então fizemos esse percurso, conversando sobre os textos, sobre o porquê da escolha dos locais nos quais foram instalados e sobre como foi a experiência toda.

Apesar dos trechos de Paulo Freire serem curtos, surgiram comentários muito complexos e significativos, os quais destacaram a coletividade, a relação corpo-espço, como o texto de Paulo Freire admite que o conhecimento quando ocorre não separa emoção-razão. Expressaram como a humildade e a convivência são fundamentais para a transformação social e que a educação que valoriza a colaboração e o respeito mútuo entre alunos e professores não apenas promove um ambiente mais inclusivo, mas também estimula uma aprendizagem mais rica e integrada. O corpo no parque foi apontado, nesse contexto, como um meio de estabelecer conexões significativas e de engajar os alunos em um processo educativo que é cognitivo-emocional-sensorial.

Também comentaram como Freire apresenta uma visão da corporeidade como central na relação do ser humano com o mundo e com os outros. Por fim, também surgiu uma fala sobre como o ser humano interage, compreende e transforma a realidade.

A POLÍTICA DAS ENTRANHAS

Todo o conhecimento tácito que estrutura as práticas tradicionais de escrita e leitura estão ancoradas em determinadas epistemologias presentes e permanentes das escolas. Freire, com sua teoria, pretende transformar as entranhas invisíveis das instituições de ensino, e não somente os discursos, mas também os corpos, os tempos, as organizações hierárquicas: a corporeidade é também política.

Nesse sentido a proposta coreográfica de leitura, que une os saberes e discussões contemporâneos na área da dança, se adequada ao próprio discurso do autor. Também, as práticas de leituras em movimento e a ação de dançar em interface com textos, têm sido apresentadas em encontros e congressos de dança. A dança pode contribuir sobremaneira para pensar ações políticas e de ensino-aprendizagem.

Assumir toda a corporeidade, a ambiência sensorial dos espaços de ensino e reconhecer como isso se conecta com nossa construção de saber é forma de convidar a um ler-falar-fazer mover.

Na proposta relatada, a prática de leitura objetivava ampliar uma compreensão mais aberta dos textos de Freire. Pensamos numa ação de leitura que pudesse ela mesma enfatizar a dimensão política que se faz presente na obra do educador brasileiro, que convidasse a atenção à prática pedagógica, ao interesse pelos outros e pelo espaço, a escuta e a criação.

REFERÊNCIAS

- ARSLAN, Luciana Mourão. **Corpo (sentido):** corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.
- ARSLAN, Luciana Mourão. Ensino de arte na perspectiva da Somaestética. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 563-575, set./dez. 2018.
- ARSLAN, L. M; RAMOS, J. B. (Org.). **Improvisação em dança:** criação, composição e performatividade. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.
- BOURDIEU, P. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Guia Alimentar para a População Brasileira.** Brasília: MS; 2014.
- DAMASIO, A. R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMASIO, A. R. **O mistério da consciência:** do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P; **À sombra desta mangueira.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEWEY, J. **Arte como Experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010
- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LEPECKI, A. Coreopolítica e Coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.
- LEPECKI, André. **Exaurir a dança:** performance e política do movimento. São Paulo: Annablume, 2017.
- MILDER, P. Teaching as art: The contemporary lecture-performance. **PAJ: A Journal of Performance and Art**, v. 33, n. 1, p. 13-27, 2011. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41309686>. Acesso em: 18 set. 2024.
- SANTOS, A. B. **A terra dá, o que a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SHUSTERMAN, R. **Consciência Corporal.** Tradução de Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: E Realizações, 2012.
- VANNINI, P; WASKUL, D; GOTTSCHALK, S. **The senses in self, society, and culture:** a sociology of the senses. London: Taylor & Francis, Routledge, 2013.

SOBRE A AUTORA

Luciana Mourão Arslan é professora do Curso de Artes Visuais Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU) em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. É graduada em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (FASM) e em Dança pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tem mestrado em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e pós doutoramento (com bolsa CAPES) no Center for Body Mind and Culture da Florida Atlantic University com o filósofo Richard Shusteman. Este texto foi escrito durante uma licença para pós-doutoramento, com Thiago SantAnna do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG/FAV).

E-mail: lucianaarslan@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6187-5105>.

Recebido em 04 de dezembro de 2024 e aprovado em 21 de fevereiro de 2025.